



No Mato Grosso do Sul, epicentro da expansão recente do setor, o avanço da base florestal continua acelerado. O estado encerrou 2025 com 1,964 milhão de hectares de florestas plantadas. Foto: Área florestal do Projeto Sucuriú

ENTRE CICLOS E OPORTUNIDADES: O MACROCENÁRIO DA CELULOSE E DO PAPEL

Expansão recente da capacidade instalada e da base florestal brasileira confirma que o setor segue encontrando no país condições para crescer de forma sustentável

POR FERNANDA CAPO E THAIS SANTI
Especial para *O Papel*

Após um ano marcado por volatilidade geopolítica, ajustes de oferta e desafios macroeconômicos, a indústria global de celulose e papel chega a 2026 com sinais moderados de recuperação. O ciclo de preços ainda atravessa um período de baixa, pressionado pela entrada recente de novas capacidades produtivas e pela instabilidade comercial internacional e agora a Guerra no Irã. Ao mesmo tempo, fatores estruturais como competitividade florestal, infraestrutura logística e novos investimentos industriais reforçam o protagonismo do Brasil no cenário global.

No balanço de 2025, analistas e autoridades do setor convergem em um diagnóstico: foi um ano desafiador, mas que evidenciou a resiliência da indústria e o papel estratégico da fibra brasileira no comércio internacional.

Para Andrés Padilla, analista do departamento de Pesquisa e Análise Setorial do Rabobank Brasil, com foco nos mercados de bebidas, laticínios e papel e celulose, a instabilidade já era esperada. “O que vimos em 2025 foi a confirmação de um ano de muitos obstáculos. Houve um aumento importante de oferta global vindo de projetos inaugurados na América do Sul



DIVULGAÇÃO IBÁ

“O desempenho reflete a pujança dos investimentos do setor, com a abertura de novas fábricas a cada ano e meio e a ampliação da capacidade produtiva”, resume Paulo Hartung, presidente da IBÁ

e na Ásia, o que naturalmente trouxe volatilidade para os preços”, afirma o analista.

Padilla destaca que a geopolítica intensificou esse cenário. A adoção de tarifas comerciais pelos Estados Unidos, inclusive contra parceiros tradicionais, ampliou a incerteza nos mercados. “Todas essas tarifas criaram uma grande incerteza para diversos setores. Mas, ao mesmo tempo, o episódio mostrou a resiliência da indústria brasileira, que continua sendo um exportador estratégico”, diz.

Segundo ele, as tensões comerciais também geraram efeitos indiretos positivos para a América do Sul. “A disputa entre Estados Unidos e China acabou favorecendo os exportadores da região, porque a tarifa entre os dois países se manteve enquanto o acesso da nossa celulose permaneceu praticamente zerado”, explica.

Padilla acrescenta que, apesar dos desafios estruturais da economia chinesa, como o elevado endividamento interno, as dificuldades do setor imobiliário e o alto desemprego entre os jovens, os indicadores de crescimento continuam relativamente sólidos, acima de 4%. Para ele, a economia do país tem demonstrado resiliência ao diversificar seus mercados de exportação, reduzindo gradualmente a dependência de destinos tradicionais como os Estados Unidos.

Na avaliação da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), a perspectiva de investimento para o setor de celulose e papel no Brasil permanece positiva, sustentada principalmente pela expansão da produção, pelo crescimento das exportações e por novos projetos industriais previstos para os próximos anos. Os números de 2025 reforçam esse movimento: a produção brasileira de celulose atingiu 29,4 milhões de toneladas, alta de 6,9% sobre 2024, enquanto as exportações somaram 20,7 milhões de toneladas, avanço de 11,6%, ambos records históricos. Em valores, as exportações totais do setor de árvores cultivadas para fins industriais e de restauração alcançaram US\$ 14,9 bilhões, o equivalente a 4,3% da

balança comercial brasileira e 8,8% da balança do agronegócio.

No caso do papel, a produção brasileira ficou praticamente estável, em 11,3 milhões de toneladas, com crescimento de 4,8% nas exportações e de 2% nas vendas domésticas, sinalizando uma demanda mais resiliente em alguns nichos, apesar do ambiente macroeconômico mais apertado.

Para Adriano Scarpa, gerente de Políticas Florestais e Sustentabilidade da entidade, o avanço recente da base florestal, especialmente em áreas degradadas no Mato Grosso do Sul, e a concentração de novos projetos industriais indicam que a cadeia continua encontrando no Brasil condições favoráveis para crescer com competitividade.

Além da expansão produtiva, a indústria planeja investimentos expressivos no Brasil, estimados em cerca de R\$ 105 bilhões até 2028, destinados à construção de novas fábricas, ampliação de plantas e melhorias logísticas.

Para Marcello Collares, diretor de Inteligência de Mercado da empresa de informação e análise especializada na indústria de celulose, papel e produtos

ARQUIVO PESSOAL



Collares: “A expansão da produção chinesa cria um limite natural para a recuperação dos preços”

relacionados TTOBMA, 2025 foi marcado pela combinação entre incertezas comerciais e aumento da produção chinesa, o que pressionou os preços da *commodity*. “Foi um ciclo de baixa relativamente agressivo, com preços abaixo do histó-

rico. A demanda continuou boa, mas as incertezas afetaram decisões de investimento e de consumo”, contextualiza.

Como exemplo dos impactos da instabilidade comercial, Collares cita o caso das exportações brasileiras de tis-

sue para os Estados Unidos. Segundo ele, o Brasil vinha ampliando embarques para o mercado norte-americano, mas a imposição de tarifas próximas de 50% praticamente interrompeu esse fluxo. Parte desse volume acabou sendo redirecionada para a Europa, evidenciando como mudanças tarifárias podem reorganizar rapidamente o comércio internacional.

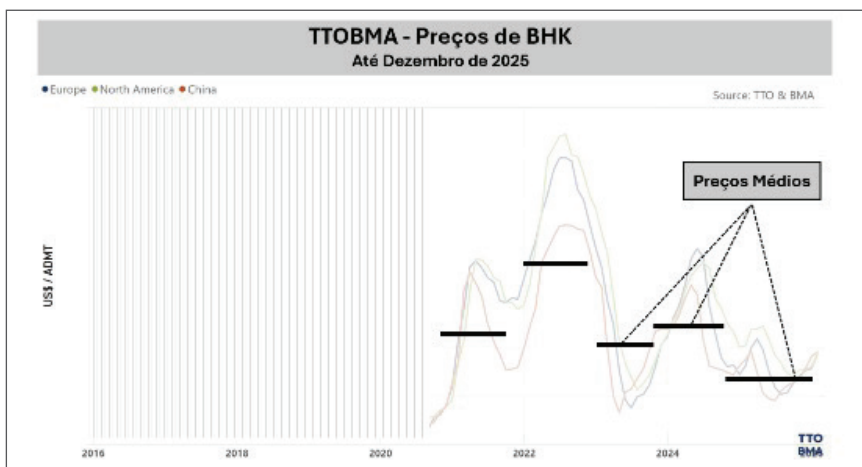
Collares observa ainda que a expansão da produção chinesa cria um limite natural para a recuperação dos preços. “A capacidade de produção de celulose na China acaba funcionando como um regulador do mercado. A produção interna tem sua taxa de operação elevada quando vantajosa, limitada pela disponibilidade de madeira”, explica.

Segundo estimativas da TTOBMA, o país produziu cerca de 27 milhões de toneladas de celulose no último ano, apesar de possuir capacidade instalada próxima de 34 milhões de toneladas. A diferença, explica Collares, decorre principalmente da limitação na disponibilidade de madeira.

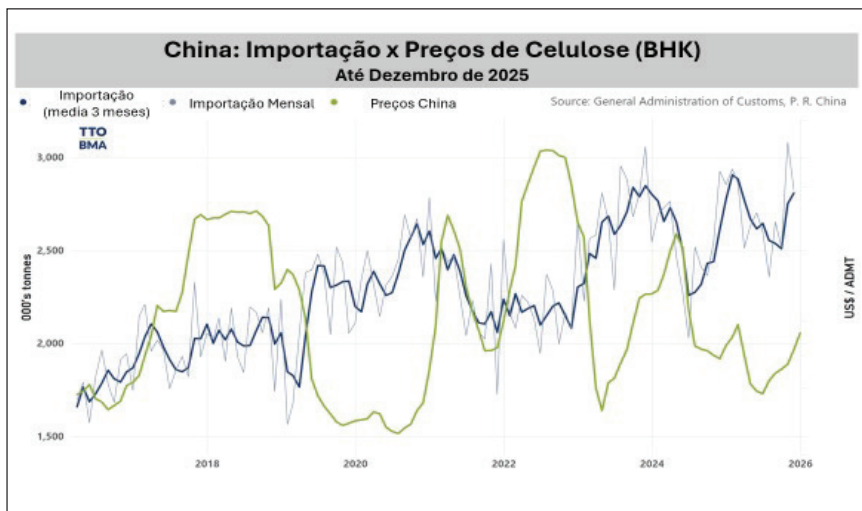
Apesar das perspectivas positivas de investimento no setor de árvores cultivadas, o ambiente industrial brasileiro em 2025 foi marcado por desaceleração. De acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), a produção industrial cresceu cerca de 0,6% no ano, resultado significativamente inferior à expansão de 3,1% registrada em 2024.

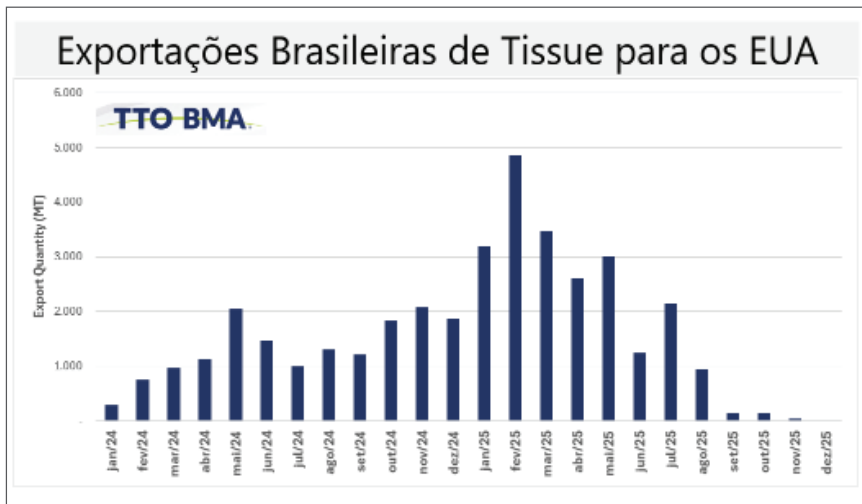
Indicadores como faturamento real da indústria, horas trabalhadas e utilização da capacidade instalada também perderam dinamismo ao longo do segundo semestre, refletindo um cenário macroeconômico mais restritivo. Na avaliação da entidade, fatores como juros elevados, demanda interna mais fraca e aumento das importações limitaram o desempenho da indústria de transformação, cujo faturamento praticamente ficou estável no período, com variação próxima de 0,1%.

Dentro desse contexto, o setor de celulose e papel, que integra a indústria de transformação, manteve uma dinâmica distinta da média industrial

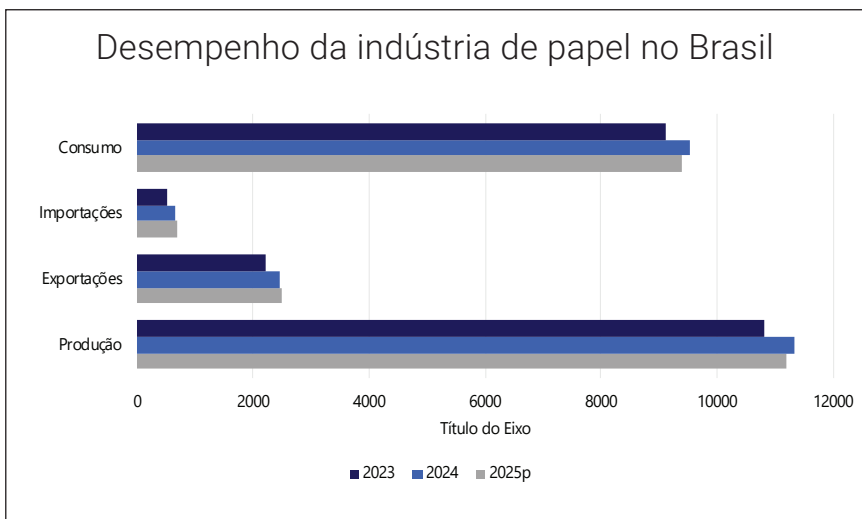


Fonte: TTO BMA





Fonte: TTO BMA



Fonte: Rabobank

brasileira. A combinação entre competitividade florestal, perfil exportador e novos investimentos permitiu ao segmento sustentar crescimento em um ambiente em que outras cadeias industriais mostraram perda de fôlego.

Vale destacar ainda que, segundo análise do FGV-IBRE, apesar do cenário internacional mais incerto, a balança comercial brasileira já apresenta melhora no primeiro bimestre de 2026, com superávit de US\$ 8 bilhões, impulsionada principalmente pelo aumento das exportações para a China e pelo crescimento do volume exportado de *commodities*. Esse movimento ajuda a reforçar o papel do setor florestal como um dos vetores de sustentação da inserção externa brasileira.

Juros elevados e consumo limitado

No Brasil, especificamente, o ambiente macroeconômico trouxe desafios adicionais para os segmentos mais dependentes do consumo doméstico. Padilla destaca que, apesar do mercado de trabalho aquecido, o elevado endividamento das famílias continua limitando a expansão da demanda.

“O consumidor brasileiro ainda está bastante endividado e lidando com juros elevados. Isso acaba restringindo o consumo em diversos setores, inclusive no varejo, o que impacta segmentos como o papelão ondulado”, afirma o analista.

Fonseca Júnior, concorda. Ele observa que o crescimento do PIB de 2025, em torno de 2,5%, foi razoável, sobretudo quando comparado ao padrão histórico recente do país. “No caso das embalagens, porém, o resultado do setor ficou ligeiramente abaixo do avanço da economia, refletindo a combinação entre crédito mais caro, comprometimento de renda das famílias e maior competição com produtos importados em alguns nichos.”

Para o executivo da Empapel, esse quadro mostra que o comportamento da demanda doméstica continua diretamente relacionado ao poder de compra das famílias, especialmente em segmentos ligados a alimentos, higiene e



DIVULGAÇÃO EMPAPEL

“Embora 2025 tenha sido um ano apenas razoável na comparação com o desempenho excepcional de 2024, o resultado permanece positivo diante dos padrões históricos da economia brasileira e da própria indústria”, avalia o embaixador José Carlos da Fonseca Júnior, membro do conselho diretivo da IBÁ e presidente-executivo da Empapel



Padilla: “Os estoques ainda estão um pouco acima do ideal, mas vemos uma convergência gradual em direção ao equilíbrio”

consumo cotidiano. Ao mesmo tempo, o setor também foi afetado pelos sobressaltos do comércio internacional, em especial pelas tarifas norte-americanas e pela reorganização dos fluxos globais de exportação.

Para este ano, a expectativa predominante entre analistas é de uma recuperação gradual do ciclo de preços, ainda que sem grandes saltos no curto prazo. Segundo o profissional do Rabobank, a fase mais intensa de entrada de novas capacidades já ficou para trás.

“A maior parte das novas fábricas entrou entre 2023 e 2024. Em 2026 teremos um período com menos projetos entrando em operação, o que abre espaço para uma recuperação gradual do mercado. Os estoques ainda estão um pouco acima do ideal, mas vemos uma convergência gradual em direção ao equilíbrio”, explica Padilla.

Para Collares, fatores estruturais também podem contribuir para esse ajuste. Um deles é a possível redução da oferta de madeira no Sudeste Asiático. “A revogação de licenças florestais na Indonésia pode retirar volumes importantes de madeira do mercado. Se parte dessa oferta desaparecer, isso ajuda a equilibrar o mercado de celulose”, afirma.

Apesar das oscilações de curto prazo, a demanda global por produtos de papel e celulose continua em crescimento.

Segundo estimativas da TTOBMA, o consumo global de papéis deve crescer entre 2% e 2,5% em 2026, com destaque para o segmento de tissue.

“O tissue deve crescer entre 2,0% e 3,0% ao ano, enquanto papéis gráficos continuam em queda estrutural superior a 1%”, diz Collares.

O avanço tecnológico também tem ampliado o uso da fibra curta de eucalipto em diversos produtos. “A fibra curta vem ganhando espaço globalmente, substituindo parte da fibra longa em várias aplicações”, explica o diretor de Inteligência de Mercado da TTOBMA.

Padilla destaca que a indústria tem mostrado capacidade de adaptação mesmo diante de cenários macroeconômicos complexos. “Foi um bom teste para ver a resiliência do setor. Mesmo em um ambiente desafiador de preços e geopolítica, os resultados das empresas mostraram uma indústria bastante sólida. O cenário macroeconômico global segue em tendência de desaceleração, com sinais de enfraquecimento nos mercados de trabalho nos EUA e na Europa. Parece provável esperar que os preços do papel continuem sob pressão na China pelo excesso de capacidade anunciado nos últimos dois anos. Assim, a demanda por celulose e produtos de papel em 2026 deve apresentar apenas crescimento moderado, insufi-

ciente para garantir uma recuperação significativa dos preços”, afirma.

Ao mesmo tempo, Collares aponta que a competitividade brasileira continuará sendo um diferencial decisivo no longo prazo. “A celulose brasileira segue muito competitiva no mercado internacional, especialmente pela eficiência florestal e pelos custos de produção”, diz.

Vale destacar, contudo, que o acesso à madeira tem se tornado um fator cada vez mais estratégico para a indústria. Segundo o executivo, o custo médio da madeira em algumas regiões produtoras do Brasil subiu significativamente nos últimos anos, passando de cerca de US\$ 20 para mais de US\$ 50 por metro cúbico em determinados mercados. O movimento reflete não apenas a expansão da indústria de celulose, mas também a competição por terras agrícolas e o aumento da demanda por biomassa para geração de energia.

Expansão brasileira reforça liderança global

Mesmo em um cenário de crédito mais caro, especialistas avaliam que os grandes produtores continuam tendo acesso relativamente favorável ao financiamento internacional, o que ajuda a sustentar os ciclos de investimento de longo prazo, característicos da indústria de base florestal.

No Mato Grosso do Sul, epicentro da expansão recente do setor, o avanço da base florestal continua acelerado. “O Estado encerrou 2025 com 1,964 milhão de hectares de florestas plantadas, praticamente atingindo a meta de 2 milhões de hectares prevista para o período”, indica Jaime Verruck, secretário de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação do estado.

A expectativa neste ano é continuar expandindo a base florestal. “A nossa projeção é incorporar cerca de 300 mil hectares adicionais ao longo de 2026, chegando próximo de 2,3 milhões de hectares plantados”, aponta Verruck. Esse crescimento acompanha uma nova onda de investimentos industriais na região.



“Projeção é incorporar cerca de 300 mil hectares adicionais ao longo de 2026, chegando próximo de 2,3 milhões de hectares plantados”, aponta Verruck

Entre os principais projetos está a futura planta da Arauco, em Inocência-MS.

“A Arauco tem previsão de término da obra em 2027 e início de operação em 2028. Será uma fábrica de 3,5 milhões de toneladas, com investimento estimado em US\$ 4,6 bilhões”, explica o secretário.

A expansão industrial também tem impulsionado novos investimentos em infraestrutura logística. Segundo Verruck, o crescimento do setor exige uma reorganização da malha de transporte do estado.

“O Vale da Celulose está nos obrigando a repensar toda a questão logística. Hoje estamos pavimentando mais de 400 quilômetros de rodovias em regiões estratégicas para atender à expansão da indústria”, destaca. O conceito do Vale da Celulose, inspirado na integração do Vale do Silício, avançou principalmente pela articulação entre setor público e privado, governança estruturada, foco em tecnologia, sustentabilidade, formação profissional e inserção no mercado global.

Entre os principais projetos está a chamada Rota da Celulose, programa de concessão rodoviária com investimentos estimados em R\$ 10 bilhões. Além disso, novas ferrovias e *shortlines* industriais estão sendo planejadas para conectar as fábricas ao sistema ferroviário nacional e ao Porto de Santos. Na qualificação

profissional, Verruck explica que há uma rede estruturada de ensino técnico e superior, porém o desafio atual é a falta de mão de obra, com vagas ociosas e necessidade de atrair trabalhadores de outros estados. Outro gargalo emergente é a habitação, com ações conjuntas entre governo e empresas para construção de moradias.

De forma geral, o secretário avalia que o cenário geopolítico global é desafiador, mas ao mesmo tempo abre oportunidades estratégicas para o Brasil. Isso porque há uma demanda crescente mundial por segurança alimentar, energia limpa e ma-

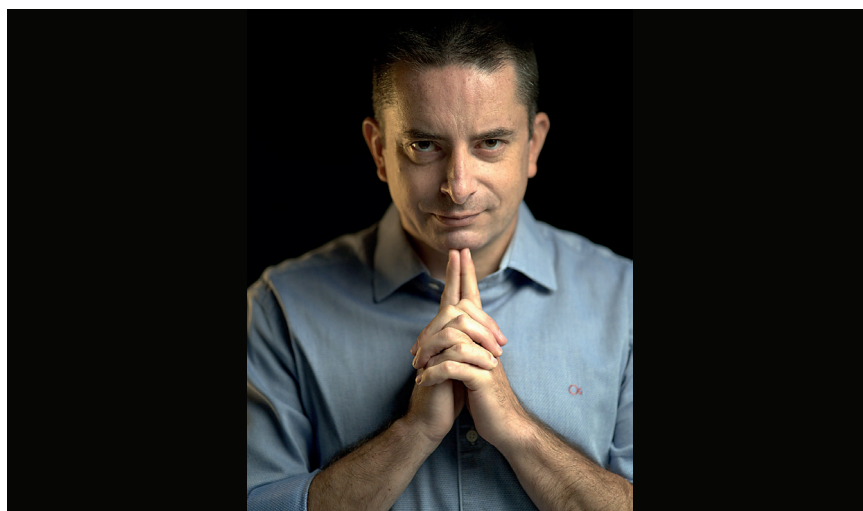
térias-primas sustentáveis, e o país, especialmente o Mato Grosso do Sul, pode se posicionar como fornecedor confiável nesses três pilares.

Entre os principais diferenciais da região, ele destaca a alta competitividade ambiental e produtiva. O estado possui uma matriz energética majoritariamente limpa (cerca de 94%), forte base de sustentabilidade, além de integrar produção agropecuária, florestal e industrial com políticas públicas alinhadas. Outro ponto relevante é a grande disponibilidade de áreas para plantio, combinada com preservação ambiental, com proporção significativa de áreas protegidas, e certificações que atendem mercados exigentes, como o europeu.

Celulose: volume recorde, preços pressionados e 2026 de transição

No segmento de celulose o ano foi definido por uma combinação pouco usual: recordes de produção e exportação convivendo com um ciclo de preços pressionado. Na prática, o setor ampliou escala, consolidou o protagonismo do Brasil no comércio internacional e reforçou sua competitividade estrutural, mas seguiu operando em um ambiente de margens mais apertadas que nos anos anteriores.

Na avaliação de Marcio Funchal, administrador e fundador da Marcio Funchal Consultoria, 2025 foi um ano de “fortes emoções” para o segmento. Segundo ele,



“No geral, 2025 se mostrou um ano em que o volume e a escala de produção foram os grandes vencedores, com recordes em produção, vendas e exportações impulsionados por investimentos pesados em novas capacidades”, resume Funchal

a entrada em plena operação da nova fábrica da Suzano em Ribas do Rio Pardo-MS, somada a ganhos de eficiência em outras unidades, impulsionou a produção nacional a níveis inéditos.

Esse avanço, porém, não veio acompanhado de igual desempenho em preços. Ao contrário: a expansão da oferta global, especialmente com base em projetos na América do Sul e na Ásia, pressionou a curva internacional da commodity ao longo de boa parte do ano.

China puxa volume, Europa sustenta melhor rentabilidade

A China voltou a ocupar o centro dessa dinâmica. Principal destino da celulose brasileira, o país asiático seguiu absorvendo volumes crescentes, sustentando o avanço das exportações, mas com preços mais pressionados do que em outros mercados. Segundo Funchal, a participação chinesa respondeu por cerca de 43% a 44% das exportações brasileiras de celulose em 2025, com aumento relevante dos embarques, impulsionado pela competitividade da fibra curta de eucalipto

e pela necessidade de matéria-prima da indústria papelreira local.

Ainda assim, o ambiente de preços na Ásia permaneceu desafiador. Em diferentes momentos do ano, a cotação da fibra curta ficou próxima de US\$ 500 por tonelada, refletindo a combinação entre maior oferta global, produção integrada crescente na própria China e incertezas comerciais. Houve recuperação parcial no segundo semestre, mas insuficiente para alterar de forma estrutural o quadro de pressão sobre margens.

Na Europa, por outro lado, o comportamento foi distinto. Embora o volume destinado à região seja menor, o mercado europeu ofereceu melhor rentabilidade por tonelada, com preços acima dos níveis asiáticos e maior estabilidade em alguns nichos de consumo, como papéis gráficos, embalagens e tissue. Para Funchal, essa dualidade entre China e Europa reforçou, em 2025, a importância da diversificação geográfica das vendas brasileiras.

Um dos fatores mais relevantes para o comportamento recente do mercado é a

expansão da produção integrada na China. Para Funchal, esse movimento já impacta a política global de preços e tende a limitar o espaço para altas expressivas no curto e médio prazo. Com maior capacidade interna de produção de celulose, o país reduz sua dependência de importações, sobretudo de fibra curta, e amplia seu poder de barganha nas negociações internacionais.

Para os exportadores brasileiros, isso significa um ambiente mais defensivo. A vantagem competitiva do país permanece forte, especialmente em custo florestal, eficiência operacional e escala, mas, o poder de sustentar altas de preço ficou mais condicionado ao fechamento de capacidade menos competitiva em outras regiões e ao crescimento efetivo da demanda global.

Escala brasileira e custos baixos preservam competitividade

Se os preços não foram o destaque de 2025, a eficiência operacional e a escala industrial ajudaram a preservar a solidez do setor. Funchal observa que o Brasil

DIVULGAÇÃO / SUZANO



A unidade da Suzano, em Ribas do Rio Pardo-MS, que abriga a maior linha única de produção de celulose do mundo, consolidou o Vale da Celulose como um dos principais polos globais do setor



Scarpa: “Essa combinação entre base florestal competitiva, projetos de grande escala e integração logística é um dos elementos que sustentam a leitura mais positiva para o papel do Brasil no longo prazo, mesmo em um ambiente internacional mais volátil”

reforçou sua posição como produtor de menor custo global, mesmo em um contexto de oferta crescente e maior pressão competitiva. O câmbio favorável em alguns momentos do ano também ajudou a amortecer a compressão de margens.

Na leitura de Adriano Scarpa, da IBÁ, a expansão recente da capacidade instalada e da base florestal brasileira confirma que o setor segue encontrando no país condições para crescer de forma sustentável. Ele cita especialmente o Mato Grosso do Sul como principal polo dessa nova fase, apoiado na conversão de áreas degradadas, em investimentos industriais e em uma agenda de infraestrutura que começa a se reorganizar em torno da nova realidade da celulose.

Nova onda de projetos amplia potencial, mas também eleva a pressão de oferta

O bom desempenho em volume, no entanto, traz consigo uma questão central para os próximos anos: o mercado global será capaz de absorver a nova onda de capacidade anunciada no Brasil e no exterior sem provocar uma pressão mais prolongada sobre preços?

A dúvida ganhou força com projetos como Sucuriú, da Arauco, com 3,5 milhões de toneladas por ano, além das iniciativas em estudo ou desenvolvimento pela Bracell, CMPC e, potencialmente, Eldorado.

Segundo Funchal, consultorias internacionais já vinham trabalhando, desde 2023, com a ideia de que o mercado poderia absorver entre 1 milhão e 1,5 milhão de toneladas adicionais por ano, em média, sem grandes desequilíbrios. O problema é que os projetos já anunciados no Brasil superam com folga esse ritmo natural de absorção.

Na prática, isso indica que haverá espaço para a nova produção, mas com impactos. O mais provável é que o *ramp-up* das novas plantas, entre 2027 e 2030, ocorra em um ambiente de preços mais pressionados e com necessidade crescente

de racionalização da oferta em regiões menos eficientes. Em outras palavras, o equilíbrio virá, mas exigirá fechamento de capacidade antiga, disciplina comercial e forte competitividade de custo.

Na visão de Funchal, o grande desafio do setor neste ano será manter o equilíbrio financeiro e estratégico em um ambiente que continua volátil. Ele chama a atenção para fatores como a transição tributária no Brasil, a instabilidade das economias globais, a volatilidade cambial e os impactos potenciais de conflitos geopolíticos sobre o comércio e as cadeias de suprimento. “Governança forte, disciplina financeira e mentalidade estratégica são fundamentais”, afirma.

Ao mesmo tempo, as oportunidades permanecem relevantes. A demanda estrutural por produtos de higiene, limpeza, embalagens e papéis especiais continua crescendo em mercados emergentes, enquanto a fibra curta de eucalipto segue ampliando espaço em aplicações antes mais associadas à fibra longa. Nesse contexto, a competitividade brasileira continua sendo o principal ativo do setor.

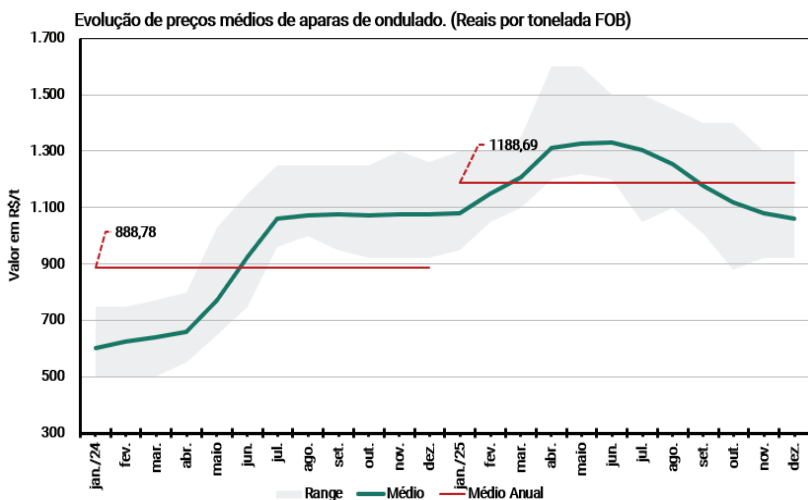
Aparas e reciclagem: oferta confortável, preços em ajuste e atenção à agenda regulatória

Em 2025, o mercado de aparas operou sob a lógica de uma oferta doméstica mais confortável, estoques em níveis ele-



Brumatti: “Na comparação com 2024, os estoques de aparas marrons operaram, na maior parte do ano, em patamares mais elevados, sinalizando que a geração doméstica foi suficiente para atender à demanda industrial”

Evolução de preços médios de aparas de ondulado



Fonte: MAPA.SA

vados e dinâmica fortemente influenciada pelo desempenho da indústria de embalagens e pelo ritmo do consumo interno.

Na avaliação de Filipe Brumatti de Souza, engenheiro de alimentos, sócio-fundador da MAPA.SA – Consultoria e Análises Socioambientais e coordenador do Projeto Conexões –, o comportamento do mercado em 2025 foi distinto entre os segmentos de aparas marrons

e brancas, com as primeiras mostrando maior volatilidade e sensibilidade ao ciclo econômico.

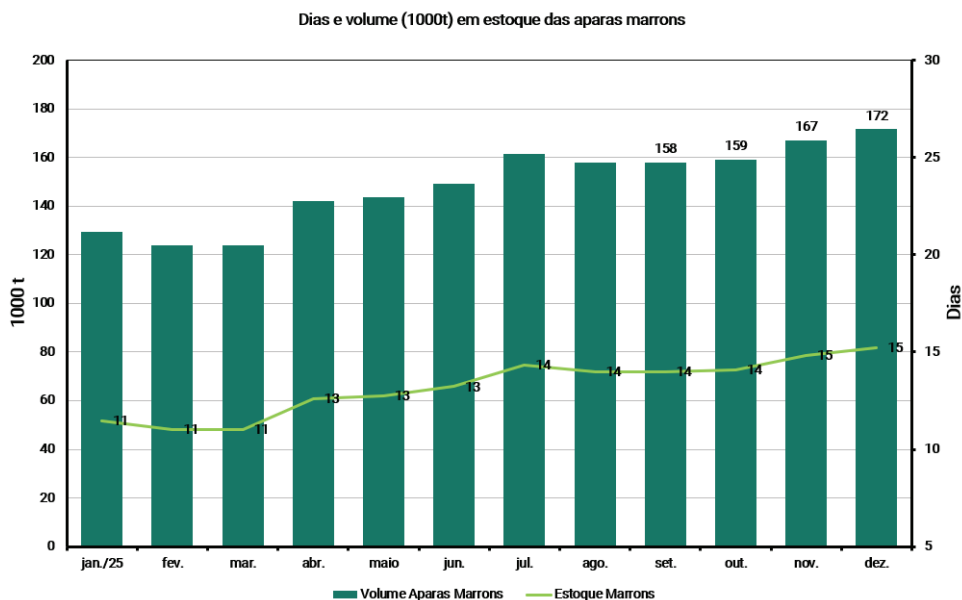
No caso das aparas marrons, o movimento de preços refletiu de forma bastante direta o desempenho do papel miolo reciclado e do setor de embalagens. Depois de encerrar 2024 com média anual de R\$ 888,78 por tonelada, o ondulado registrou forte recomposição em 2025,

atingindo média de R\$ 1.188,69 por tonelada. O avanço foi mais intenso no primeiro semestre, seguido por acomodação gradual na segunda metade do ano.

Segundo Brumatti, essa trajetória esteve ligada à maior exposição das aparas marrons ao ciclo industrial e à atividade econômica. Por serem fortemente conectadas ao desempenho das embalagens, as aparas marrons tendem a responder com mais intensidade a oscilações de demanda do varejo, da indústria e da circulação de mercadorias.

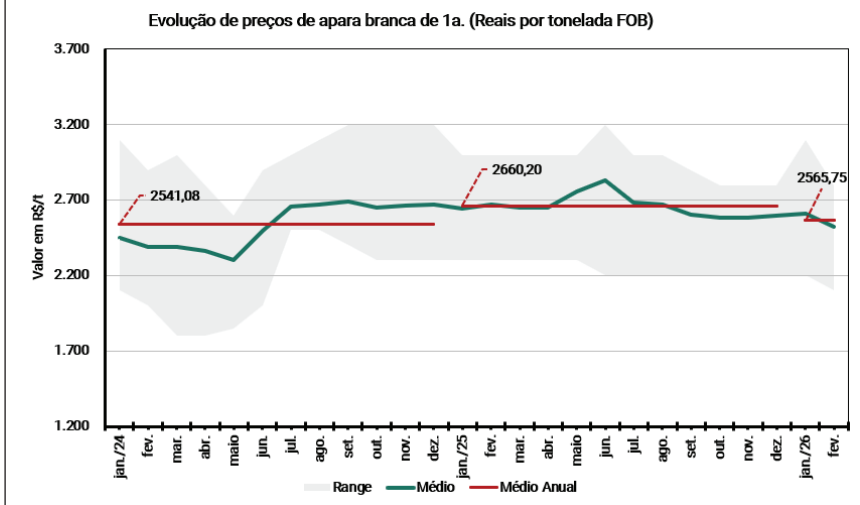
Ainda assim, o ambiente ao longo de 2025 não foi de escassez. Pelo contrário: na comparação com 2024, os estoques de aparas marrons operaram, na maior parte do ano, em patamares mais elevados, sinalizando que a geração doméstica foi suficiente para atender à demanda industrial. O consumo interno acompanhou o desempenho do setor de embalagens e do varejo, mas sem crescimento expressivo frente ao ano anterior, o que limitou movimentos altistas mais consistentes no decorrer do período.

Estoque das aparas marrons



Fonte: MAPA.SA

Evolução de preços de apara branca de 1a.



Fonte: MAPA.SA

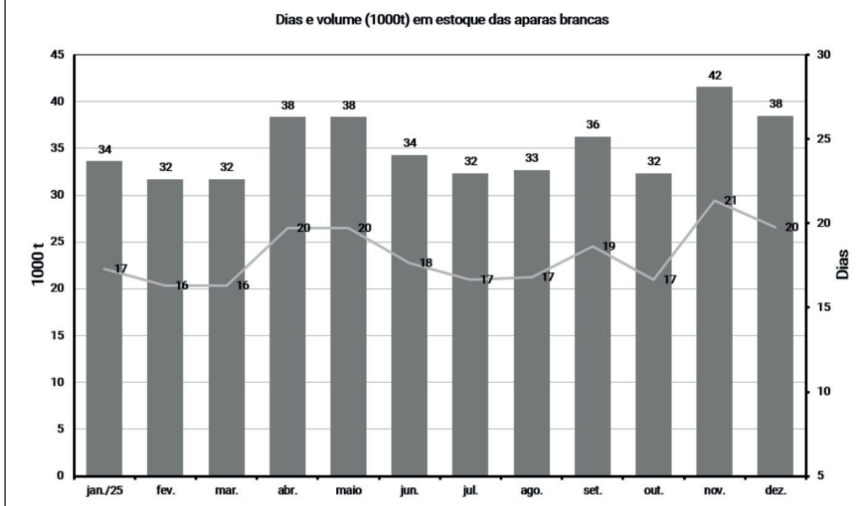
Aparas brancas mantêm trajetória mais estável

Nas aparas brancas, o quadro foi de maior estabilidade. A apara branca de primeira linha passou de média de R\$ 2.541,08 por tonelada em 2024 para R\$ 2.660,20 por tonelada em 2025, mantendo trajetória relativamente estável ao longo do ano. A volatilidade foi inferior à observada nas aparas marrons, com exceção da chamada branca 3, que apresentou oscilações mais próximas das aparas marrons, mostrando maior sensibilidade às variações de oferta e demanda dentro do próprio segmento.

Para Brumatti, essa diferença decorre, em parte, da relação entre fibra virgem e fibra reciclada. Em momentos em que a celulose se torna mais competitiva, parte da indústria ajusta o mix de fibras, o que influencia diretamente a formação de preços das aparas brancas. Esse mecanismo de substituição funciona como um amortecedor, reduzindo a intensidade dos movimentos bruscos.

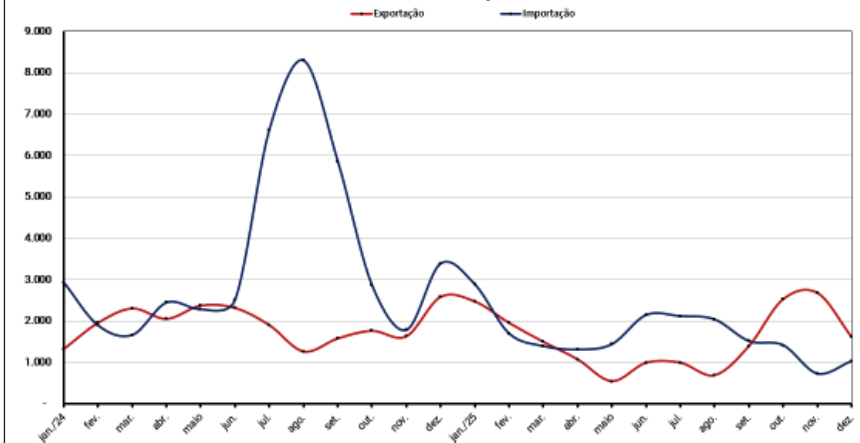
Assim como ocorreu nas aparas marrons, os estoques de aparas brancas também operaram, na maior parte de 2025, acima dos níveis observados no ano anterior. A oferta doméstica mostrou-se confortável e reduziu a necessidade de importações, enquanto o consumo interno permaneceu relativamente equilibrado, sem descompassos relevantes entre geração e absorção industrial.

Estoque das aparas brancas



Fonte: MAPA.SA

Evolução do Índice do volume de vendas no varejo brasileiro



Comércio exterior perde força, mas balança se reequilibra

No comércio exterior, 2025 foi um ano mais fraco que 2024. Segundo Brumatti, as exportações totais de aparas recuaram cerca de 19% no acumulado do ano, enquanto as importações caíram mais de 50%, refletindo um ambiente de menor dinamismo global e maior disponibilidade doméstica de fibra.

Um episódio relevante ocorreu em fevereiro, quando os Estados Unidos interromperam as importações de aparas brasileiras, obrigando o redirecionamento de volumes que tradicionalmente tinham aquele mercado como destino.

Financiamento e inovação: o papel do BNDES

Nesse contexto de expansão industrial e inovação tecnológica, o BNDES continua desempenhando papel relevante no financiamento do setor.

Entre as operações recentes estão o apoio de R\$ 82,5 milhões para modernização da produção de papel reciclado da Irani e R\$ 122,5 milhões destinados a projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação da Klabin. Além disso, o banco participou da estruturação financeira de uma ferrovia voltada ao transporte de celulose, com subscrição de R\$ 1 bilhão em debêntures.

Além disso, em outubro de 2025, o BNDES Floresta Inovação, iniciativa para impulsionar o Brasil como protagonista no mercado internacional de madeira tropical, anunciou a primeira operação da iniciativa como o apoio de R\$ 24,9 milhões a um projeto, aprovado pelo Banco, voltado para o desenvolvimento de inovações em silvicultura de espécies nativas plantadas.

Com o estímulo ao mercado, o BNDES Floresta Inovação busca garantir uma produção sustentável e estável a longo prazo, reforestando áreas degradadas, e beneficiar econômica e socialmente a população dessas áreas. Os recursos, não reembolsáveis, são do Fundo Tecnológico do Banco (BNDES / Funtec).

Segundo análises publicadas pelo próprio BNDES, a perspectiva de investimentos para o setor entre 2025 e 2029 é positiva, com crescimento médio anual estimado entre 3% e 4,5%.

O movimento elevou a competição internacional e exigiu maior eficiência logística e comercial dos exportadores brasileiros.

Apesar da retração no acumulado do ano, um dado chamou atenção: ao final de 2025, as exportações superaram as importações, revertendo a dinâmica observada em 2024. Na prática, isso sugere um reequilíbrio da balança comercial do segmento e uma melhora da capacidade de escoamento externo no segundo semestre, mesmo em um ambiente internacional menos favorável.

Logística reversa entra no radar regulatório

Além dos fatores de oferta, demanda e comércio exterior, o setor entrou em 2026 com atenção crescente à agenda regulatória, especialmente no campo da logística reversa de embalagens. Para Brumatti, o debate ganhou força após a publicação, em outubro de 2025, do Decreto Federal 12.688, voltado às embalagens plásticas, e diante da expectativa de que um decreto específico para embalagens de papel seja publicado em seguida.

Na avaliação do consultor, há um ponto central nessa discussão: diferentemente de outros materiais, o papel já opera há décadas com índices de reciclagem superiores aos de plástico e vidro. Por isso, uma eventual regulamentação que imponha exigências adicionais de comprovação de conteúdo reciclado ou metas mais rigorosas, sem

considerar a maturidade já alcançada pela cadeia do papel, poderia gerar custos extras a um setor que historicamente apresenta melhor desempenho em circularidade.

Sob essa ótica, a prioridade da política pública não deveria estar apenas no cumprimento de metas quantitativas, mas na melhoria das condições em que a reciclagem ocorre, com foco na estruturação da coleta seletiva e no fortalecimento das organizações de catadores. Em outras palavras, o desafio regulatório não é provar que o papel recicla, mas qualificar as condições sociais, logísticas e institucionais desse processo.

Para 2026, Brumatti identifica três vetores principais para o setor: o ambiente eleitoral, a esperada redução gradual da taxa Selic e a persistente instabilidade geopolítica global.

Segundo ele, um ano eleitoral tende a estimular medidas voltadas ao consumo e a circulação de renda, o que pode favorecer a demanda por mercadorias e, consequentemente, o consumo de embalagens e aparas. Ao mesmo tempo, a expectativa de queda gradual dos juros ao longo do ano pode melhorar, ainda que lentamente, o ambiente de consumo, sobretudo na segunda metade do período.

No plano internacional, porém, as incertezas continuam elevadas. A instabilidade no Oriente Médio, os impactos sobre o preço do petróleo e a volatilidade cambial seguem como fatores de risco para a economia mundial. Em compensação, esse

mesmo contexto pode favorecer a balança comercial brasileira, sustentando exportações de commodities e puxando segmentos ligados à celulose e ao kraftliner.

Nesse quadro, Brumatti avalia que o consumo de aparas em 2026 pode superar os níveis observados em 2025. Caso isso se confirme, a tendência é de maior pressão altista sobre os preços ao longo do ano, especialmente se a demanda doméstica ganhar tração em paralelo ao avanço das exportações de produtos à base de fibra.

Em síntese, o mercado de aparas chega a 2026 em posição mais equilibrada do que outros elos da cadeia: sem sinais de escassez, com oferta doméstica confortável e estoques relativamente bem-comportados. Ainda assim, o segmento permanece fortemente sensível ao ritmo da economia, ao desempenho das embalagens e às definições regulatórias sobre logística reversa, fatores que devem seguir moldando sua trajetória nos próximos anos.

Embalagens: demanda estável, margens pressionadas e mercado em compasso de espera

O segmento de embalagens encerrou 2025 com um retrato de um mercado praticamente estável, com demanda doméstica enfraquecida, preços pressionados e margens comprimidas ao longo da cadeia.

Na avaliação de Rafael Barisauskas, economista para a América Latina na Fastmarkets e professor da FECAP, o ano

pode ser resumido como um período de baixo dinamismo. “2025 foi aquele ano em que a gente termina dizendo: podia ser pior, mas não dá para comemorar”, afirma.

Em termos de volume, a expedição de papelão ondulado registrou leve retração de cerca de 0,5%, segundo dados da Empapel. Já o consumo aparente de *containerboard* acompanhou esse movimento mais fraco, enquanto outros segmentos de papel para embalagem, como papel-cartão e sacos industriais, tiveram desempenho ainda mais tímido, com pequenas quedas em relação a 2024.

O resultado reflete um setor que “andou de lado”, nas palavras do economista: sem retração acentuada, mas também sem sinais claros de crescimento. A demanda doméstica limitada, o consumo das famílias ainda fragilizado e o menor ritmo de alguns segmentos industriais contribuíram para esse cenário.

Os fatores por trás desse desempenho são múltiplos e, em grande medida, interligados. No plano doméstico, o principal limitador foi o consumo. Mesmo com um mercado de trabalho relativamente resiliente, o elevado endividamento das famílias e o ambiente de juros altos restringiram a expansão da demanda, especialmente em bens não essenciais.

Essa leitura é reforçada pelo embaixador José Carlos da Fonseca Júnior, presidente-executivo da Empapel, ao destacar

a forte relação entre o setor de embalagens e o poder de compra da população. “Mais de 60% do nosso mercado está ligado a alimentos, hortifruti e bens de consumo do dia a dia. Quando há restrição de renda, isso impacta diretamente a demanda por embalagens”, explica.

No cenário externo, a instabilidade comercial também desempenhou papel relevante. Barisauskas destaca que eventos como tarifas impostas pelos Estados Unidos, oscilações na demanda chinesa e interrupções temporárias de mercados, como no caso das proteínas animais, afetaram diretamente setores exportadores intensivos em embalagens. “Cada solução desses bate direto na demanda por papelão ondulado”, afirma.

Além disso, a valorização do real em diversos momentos de 2025 reduziu a competitividade das exportações brasileiras, impactando o desempenho externo da cadeia. Ainda assim, o setor encontrou algum alívio no aumento das exportações de kraftliner, que funcionaram como uma válvula de escape diante da fraqueza do mercado interno.

Preços pressionados e concorrência com outros materiais

No campo dos preços, o cenário acompanhou a dinâmica de demanda. Os valores de papéis para embalagem no mercado doméstico registraram leve queda ao longo de 2025 e entraram em

2026 praticamente estáveis, refletindo o equilíbrio frágil entre oferta e consumo.

Esse ambiente também intensificou a competição com outros materiais, especialmente o plástico. Segundo Barisauskas, em um contexto de custos mais elevados para papéis reciclados, pressionados, por exemplo, pela alta das aparas no início do ano e demanda final enfraquecida, parte da indústria passou a buscar alternativas. “Quando a margem aperta, muita gente migra para o plástico ou para o papel de fibra virgem”, observa.

Esse movimento evidencia um ponto estrutural relevante: a competitividade das embalagens de papel não depende apenas de atributos ambientais, mas também de custo, previsibilidade e desempenho em aplicações específicas, fatores que ganham ainda mais peso em períodos de desaceleração econômica.

Outro elemento importante foi o aumento da pressão competitiva no mercado interno, impulsionada por importações. Em um contexto global mais protecionista, com barreiras comerciais em diversos mercados, parte da produção internacional acabou sendo redirecionada para países como o Brasil, ampliando a concorrência local.

Fonseca Júnior destaca que esse movimento se tornou mais visível em segmentos como papel-cartão, levando o setor a buscar medidas de defesa comercial junto ao governo.

Fonseca Júnior destaca que esse movimento se tornou mais visível em segmentos como papel-cartão, levando o setor a buscar medidas de defesa comercial junto ao governo. “O Brasil passou a ser um mercado muito atrativo, devido a mudanças tarifárias ocorridas no mundo e sobrecapacidade em outros mercados. Isso exigiu um movimento setorial na tentativa de criar um ambiente concorrencial mais justo”, afirma.

O tema permanece no radar do setor e com discussões em curso junto ao Governo, a fim de minimizar impactos na indústria brasileira.

Segundo estimativas da Fastmarkets, o consumo aparente de *containerboard*



Entre os principais desafios estão o câmbio, com expectativa de real mais forte no início do ano, a possível queda na produção de proteína animal e a continuidade de um ambiente internacional volátil, marcado por tensões geopolíticas, fretes instáveis e custos logísticos elevados, explica Barisauskas

no Brasil deve crescer apenas 0,2%, enquanto a expedição de papelão ondulado pode avançar cerca de 0,9%. Já outros papéis para embalagem devem registrar leve retração, da ordem de 0,6%.

Na prática, trata-se de um cenário de estagnação, com crescimento marginal e ainda condicionado a fatores macroeconômicos. Entre os principais desafios estão o câmbio, com expectativa de real mais forte no início do ano, a possível queda na produção de proteína animal e a continuidade de um ambiente internacional volátil, marcado por tensões geopolíticas, fretes instáveis e custos logísticos elevados.

No plano doméstico, o quadro segue semelhante ao de 2025: juros elevados, consumo ainda limitado e ritmo moderado de investimentos. A competição com outros materiais e o menor dinamismo industrial na América Latina também permanecem como pontos de atenção.

Ainda assim, há fatores de sustentação. O setor conta com uma base sólida de demanda proveniente de segmentos essenciais como alimentos, bebidas, higiene e medicamentos, que mantêm consumo relativamente estável mesmo em períodos de menor crescimento econômico. Além disso, eventos como eleições e a Copa do Mundo tendem a gerar estímulos pontuais ao consumo e à circulação de mercadorias.

No contexto regional, as perspectivas são ligeiramente mais positivas. O consumo de *containerboard* na América Latina deve crescer 0,6% em 2026 e acelerar para 1,9% em 2027, com destaque para países como México, Chile, Peru e Colômbia. O avanço do *nearshoring* no México e a continuidade do *e-commerce* também oferecem suporte adicional à demanda.

Para Barisauskas, o setor atravessa um momento de transição. “Não é um ano de expansão, mas também não é um ano de crise. É um período de ajuste”, resume.

Tissue: consumo resiliente, pressão por preço e novas frentes de crescimento

Por sua vez, o mercado de papel tissue apresentou um comportamento mais resiliente em 2025, sustentado pelo caráter essencial dos produtos e por uma de-



DIVULGAÇÃO / EUROMONITOR

Após os anos de maior pressão inflacionária, houve uma acomodação de preços, o que ajudou a sustentar o consumo, especialmente nas linhas mais acessíveis”, explica Piroutek

manda relativamente estável, ainda que marcada por forte sensibilidade a preço.

De acordo com Michel Piroutek, analista sênior de pesquisa sobre Tissue & Hygiene da Euromonitor International, o ano foi de crescimento moderado em valor, com volumes praticamente estáveis. “Após os anos de maior pressão inflacionária, houve uma acomodação de preços, o que ajudou a sustentar o consumo, especialmente nas linhas mais acessíveis”, explica.

No mercado doméstico, essa dinâmica se traduziu em um ambiente altamente competitivo. O consumidor permaneceu atento ao custo-benefício, favorecendo produtos de entrada e ampliando a disputa entre grandes marcas e *players* regionais. Esse movimento reforça uma característica estrutural do mercado brasileiro: a predominância de categorias econômicas, mesmo diante do avanço gradual de produtos de maior valor agregado.

No campo das exportações, o cenário foi mais desafiador. A maior concorrência internacional e as oscilações cambiais limitaram o desempenho externo, embora o Brasil mantenha sua competitividade estrutural, sustentada pela base florestal eficiente e pela escala industrial.

Um dos principais vetores de transformação do segmento é o avanço da integração entre produção de celulose e tissue, movimento que tem reforçado a competitividade dos grandes grupos verticalizados.

Segundo Piroutek, essa estratégia oferece vantagens relevantes em um ambiente de margens pressionadas. “A integração garante maior controle de custos, segurança no abastecimento e previsibilidade operacional, fatores fundamentais em um mercado altamente sensível a preço”, afirma.

Para os *players* não integrados, o cenário se torna mais desafiador. A necessidade de eficiência operacional, acordos estratégicos de fornecimento e diferenciação de produto passa a ser ainda mais crítica. Na prática, a competição deixa de ser apenas entre marcas e passa a envolver também estrutura de custos, escala industrial e capacidade de gestão da cadeia.

Segmento profissional amplia potencial de crescimento

Embora o consumo doméstico de tissue esteja consolidado, novas frentes vêm ganhando relevância, especialmente no segmento de tissue profissional, utilizado fora do ambiente residencial.

Dados da Euromonitor indicam que esse mercado deve atingir cerca de R\$ 2,5 bilhões até 2027, impulsionado principalmente por categorias como papel toalha e *wipers*, com forte demanda dos setores de saúde, hotelaria e alimentação fora do lar.

O Brasil já figura entre os principais mercados globais de tissue, mas ainda apresenta baixo consumo per capita, o que indica espaço relevante para expansão. Fatores

como envelhecimento populacional, maior exigência por padrões de higiene e mudanças no comportamento do consumidor, especialmente no pós-pandemia, contribuem para sustentar esse crescimento.

Ao mesmo tempo, o segmento evidencia uma dualidade semelhante à observada no mercado doméstico: de um lado, o avanço de produtos premium e soluções mais eficientes, como sistemas interfolhados; de outro, a forte presença de produtos econômicos, que continuam respondendo por parcela significativa do consumo, especialmente em aplicações institucionais.

A expectativa é de continuidade desse cenário equilibrado: crescimento moderado, sem grandes expansões de volume, mas com oportunidades relevantes em nichos específicos e em ganhos de eficiência.

A dinâmica competitiva deve permanecer intensa, especialmente diante da pressão por preço e da consolidação de

players verticalizados. Nesse contexto, a capacidade de inovação, seja em produtos, seja em modelos de distribuição e relacionamento com clientes, tende a ganhar importância.

Ainda assim, fatores estruturais seguem favorecendo o segmento. O caráter essencial dos produtos de tissue garante uma base estável de demanda, menos sujeita a oscilações bruscas da economia. Além disso, a expansão de setores como saúde, turismo, alimentação fora do lar e serviços tende a sustentar o avanço do consumo institucional.

Um setor que cresce em meio à complexidade

Ao olhar para o conjunto de 2025 e as perspectivas para este ano, a indústria brasileira de árvores cultivadas reafirma uma de suas principais características históricas: a capacidade de avançar mesmo em cenários adversos.

Se por um lado o último ano foi marcado por preços pressionados, instabilidade geopolítica, consumo doméstico limitado e maior complexidade nas relações comerciais, por outro, evidenciou a força estrutural de um setor que segue ampliando escala, investindo em eficiência e consolidando sua posição como protagonista global.

Na celulose, o Brasil reforçou sua liderança como fornecedor de menor custo e maior competitividade, mesmo diante de um mercado mais desafiador. Em aparas, o equilíbrio entre oferta e demanda mostrou um segmento mais organizado, ainda que sensível ao ciclo econômico e às definições regulatórias. Nas embalagens, o ritmo mais lento da economia trouxe pressão sobre volumes e margens, exigindo adaptação e disciplina. Já no tissue, a resiliência do consumo e as novas frentes de crescimento apontam para oportunidades consistentes, ainda que em um ambiente mais competitivo. ■

2025 em perspectiva: as conquistas que consolidaram o setor

Mesmo em um ano marcado por volatilidade global e pressão sobre preços, a indústria brasileira de árvores cultivadas avançou em frentes estratégicas que reforçam sua competitividade, eficiência e inserção internacional. Entre os principais destaques de 2025, estão:

- **Recordes de produção e exportação de celulose**

O Brasil atingiu níveis históricos, com 29,4 milhões de toneladas produzidas e 20,7 milhões exportadas, consolidando sua posição como maior exportador global de celulose de mercado.

- **Nova capacidade industrial em operação**

A entrada em operação de grandes projetos, como a unidade da Suzano em Ribas do Rio Pardo-MS, ampliou a escala produtiva e reforçou o país como principal polo de expansão global do setor.

- **Expansão da base florestal e novos polos produtivos**

O avanço da silvicultura em regiões como o Mato Grosso do Sul, com uso de áreas degradadas, fortaleceu um modelo de crescimento baseado em produtividade, eficiência territorial e sustentabilidade.

- **Redução de custos e estímulo ao investimento industrial**

A aprovação de 25 processos de ex-tarifários reduziu a alíquota de importação de bens de capital de 14% para 0%, gerando cerca de US\$ 18 milhões em benefícios e apoiando a modernização do parque industrial.

- **Incentivo à economia circular e substituição de plásticos**

A redução do IPI para utensílios de papel, de 9,75% para 6,75%, reforçou a competitividade de soluções renováveis frente a materiais fósseis, alinhando o setor às agendas de sustentabilidade.

- **Defesa comercial e proteção da indústria nacional**

Medidas como a elevação temporária de tarifas de importação para papelcartão e a manutenção do *antidumping* sobre produtos importados garantiram maior equilíbrio competitivo diante do aumento das importações.

- **Avanços na agenda regulatória e segurança jurídica**

O setor avançou em temas estratégicos como mercado de carbono, papel imune e logística reversa, além de fortalecer a interlocução com o Governo em pautas estruturantes para o ambiente de negócios.

- **Fortalecimento da cadeia de reciclagem**

A definição de quota anual para importação de aparas trouxe maior previsibilidade ao setor, equilibrando o suprimento de matéria-prima e apoiando novos investimentos na cadeia recicladora.